

FRAGMENTOS DE “OUTROS”

Maria Salete Zulzke TRUJILLO*

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é relatar vivências de alteridade realizadas por alunos (as) dos cursos de Filosofia e História da PUC-Campinas. Os processos de globalização e mundialização têm propiciado uma visão pluralística da sociedade, mas não uma mudança de postura frente à diversidade cultural e social. A proposta da experiência, fundamentada num referencial metodológico da Antropologia tinha como meta estabelecer relações ensino/pesquisa e teoria/prática. A relevância das observações vivenciadas está na mudança de atitudes frente ao “diferente” e à diversidade.

Unitermos: alteridade, educação, atitude.

ABSTRACT

This paper intends to report different experiences of alter-ego groups of philosophy and history students at the University of PUC-Campinas. Although the globalization process provides pluralistic vision about society, it is not being able to change

(*) Professora titular de Antropologia do Departamento de Ciências Sociais e Diretora do Instituto de Ciências Humanas da PUC-Campinas. O presente trabalho conta com a contribuição dos seguintes acadêmicos: Celso de Oliveira Gil, Cibele Bravo, Ivone de Genova Silva, Josefa Neide Menezes, Kleber Luiz Cardoso e Vânio Flávio Dias Ferreira.

attitudes towards cultural and social diversities. Anthropological methodology supports the experiences related, which had, as a main goal the study of relationships between teaching and researching, theory and practice. The process of changing attitudes towards difference and diversity is the main result of these experiences.

Key words: alter-ego groups, education, changing attitudes.

INTRODUÇÃO

Num momento em que assuntos como o dos processos de globalização e mundialização começam a fazer parte não somente das discussões acadêmicas mas também de mesas redondas nas TVs, de temas jornalísticos, de conversas do cotidiano, preocupa-me, de maneira especial o "outro", que não é alguém que está nos limites globais, mas que vive na minha própria cidade, até mesmo no meu bairro, sem que eu o conheça.

Se, por um lado, o processo de globalização da economia e tecnologia nos remete a uma certa unicidade da vida social, por outro, a mundialização, considerando o aspecto específico da cultura (Ortiz:20) nos possibilita uma diversidade de concretude. O processo de globalização, ao invés de levar a uma homogeneização cultural, tem propiciado cada vez mais uma visão pluralística, com o aparecimento das diferenças globais. Os meios de comunicação têm proporcionado a difusão dessas diferenças culturais. Como diz Featherstone, o processo de globalização possibilita abrir uma "vitrine mundial das culturas" (p.30). Programas como o "discovery" levam grandes massas populacionais a tomarem conhecimento de formas de vida, de hábitos, de nichos ecológicos e culturais que antes eram do domínio de apenas alguns profissionais (como os antropólogos).

O contato com a diversidade cultural permeado pelos meios de multi-mídia não contempla, no entanto, todos os ingredien-

tes que as relações pessoais ou a vivência podem propiciar. Essas vitrines culturais têm possibilitado o conhecimento da diversidade cultural, mas pouco têm contribuído para a revisão de nossas posturas frente a essa diversidade.

O processo de ocidentalização, com sua máquina técnico-econômica, não conseguiu

“propor uma cultura da técnica e da industrialização que reencante o mundo, conferindo-lhe sentido e também não pode cumprir suas promessas de abundância, o que tem levado à resistência cultural. O ocidente encantou o mundo com sua técnica e sua proposta de bem-estar, mas esses ingredientes não são suficientes frente à necessidade de identidade, que é algo mais que referências quantitativas. Neste afã de manter as suas identidades culturais têm-se verificado testemunhos da vitalidade e de criatividade culturais, que se apresentam seja enquanto contraculturas, formas sincréticas, seja sob a forma de solidariedades inventando novas bases de legitimação (Latouche: 108-110).

Se em nível global o processo de homogeneização se transformou em mitológico, mesmo com o fluxo de pessoas, imagens e informações, a realidade do cotidiano evidencia cada vez mais o processo de segregação, com o aparecimento dos condomínios fechados, com a interrupção de ruas transformando-as em domínio particular ou expulsando para as periferias os despossuídos. Dreifuss, ao fazer sua análise dos processos da globalização da economia, da mundialização social e dos modos de viver e planetarização política e institucional dos modos de dominar, afirma que, neste final de milênio,

“coexistem as contradições e contraposições: vivemos as afirmações das particularidades, localismos e singularidades, mas também a preservação das heterogeneidades culturais e as reafirmações civilizatórias (Dreifuss: 325).

Parodiando Geertz, podemos dizer que temos possibilidades de viver milhares de formas de vida, mas terminamos por viver apenas uma. Essa possibilidade nos permite ver os outros sob vários ângulos que dependerão da visão de mundo que interiorizamos, ou de como conseguimos passar a olhar os outros, não como algo ameaçador, mas simplesmente como diferente.

Um mundo de perplexidades, causado pelas desigualdades que cada vez mais afloram nas grandes cidades, nos domina frente aos novos atores sociais emergentes, enquanto categorias despojadas de condições mínimas e marginalizadas da sociedade, como os sem-teto, sem-terra, ao lado de categorias mais tradicionais, como os favelados e desempregados. E, talvez levados pela insegurança ou pela violência física que permeiam o nosso cotidiano e pelas representações que fazemos desses "outros", cada vez mais deles nos distanciamos.

A Antropologia, enquanto disciplina acadêmica, desde os seus primórdios preocupou-se com "o outro" ao procurar estudar as culturas que eram naquele momento (sec. XIX) as que estavam distantes dos centros dominantes da Europa e, por tal motivo, existiam interesses etnocêntricos que guiavam o olhar dos estudiosos. O "estranhamento" frente a essas culturas passou a ser condição para tais estudos. Daí os antropólogos terem sido cognominados de "mercadores do espanto". Apesar de a postura etnocêntrica ter sido substituída pelo olhar relativista, essa não tem possibilitado, em nível da sociedade mais ampla, uma vivência e um convívio mais igualitários. Embora a Antropologia tenha sido considerada como "a mais compreensiva das ciências", seus conhecimentos e posturas não têm conseguido mudar as posturas dos cidadãos frente aos "outros". Como nos diz Boff,

"não basta o reconhecimento da alteridade; este ato de respeito se ordena ao aprendizado dos valores dos outros, ao desenvolvimento da reciprocidade e complementaridade mútua. Toda diversidade cultural mostra a riqueza e a

versatilidade do que é a aventura do ser humano, que pode ser comunicada, enriquecer a todos e permitir realizarmos nossa humanidade". (Boff:130).

A observação direta das situações sociais, as relações pessoais com os grupos estudados têm permitido aos antropólogos a experiência da alteridade, cuja vivência lhes possibilita "ver aquilo que nem teríamos conseguido imaginar, dada a nossa dificuldade em fixar nossa atenção no que nos é habitual, familiar, cotidiano e que consideramos evidente" (Laplantine:21). Entretanto, nem sempre conhecemos o que nos é familiar. Assim, Velho diz que

"dispomos de um mapa que nos familiariza com os cenários e as situações sociais de nosso cotidiano, dando nome, lugar e posição aos indivíduos, no entanto não significa que conhecemos o ponto de vista e a visão de mundo dos diferentes atores em uma situação social nem as regras que estão por detrás dessas interações" (Velho:40).

Como professora de Antropologia nas séries iniciais dos cursos de Filosofia e História da PUC-Campinas, procuro, enquanto prática de um processo de aprendizagem, introduzir meus alunos no mundo do conhecimento científico, no caso específico do conhecimento antropológico e das práticas metodológicas dessa produção. Dentro dessa perspectiva, tenho procurado fazer com que meus alunos vivenciem experiências de observação de situações que não são do seu cotidiano e que permitam enquanto tal, vivenciarem relações de alteridade. As situações são escolhidas pelos mesmos, já que as histórias de vida e as vivências sociais são diferenciadas. O retorno destas observações de situações sociais tem provocado reflexões e descobertas sobre realidades que estão presentes na nossa cidade e que acabamos ignorando. Muitas dessas experiências provocaram, não só no observador, mas também entre os colegas que tomaram ciência das mesmas, novos sentimentos, emoções e reflexões que me estimularam a querer socializar tais trabalhos com

outros alunos e professores. Daí a escolha de alguns desses relatos cuja divulgação considere importante. Não se trata de trabalhos com profundas reflexões teóricas, mas considerações a partir de uma prática vivenciada. São experiências motivadoras para trabalhos futuros, que têm seus méritos, principalmente pelas mudanças de atitude provocadas frente a "outros" diferentes. É importante ressaltar como um exercício de trabalho de campo é capaz de transformações significativas no olhar do observador, particularmente no tocante às visões estereotipadas e preconceituosas que orientam o senso comum. Os trabalhos de observação confirmam o que nos diz Severino *"é na e pela prática que as coisas acontecem, que a história se faz e que o próprio humano vai se fazendo humano"* (Severino: 12).

A Antropologia enquanto disciplina social, voltada tanto para a formação do professor quanto do bacharel objetiva a formação do educador, já que entendemos a educação como um processo de humanização. Daí a preocupação constante que a relação teoria/prática aconteça, mesmo em um curso inicial. A prática possibilita descobertas significativas que a leitura dos autores clássicos ou mesmo contemporâneos não consegue sensibilizar com tanta força e convicção. O contato com o real tem uma força que nenhuma experiência virtual consegue superar. Se o pouco contato com o "outro" não permitiu um conhecimento profundo, pelo menos permitiu romper barreiras, descortinar outras realidades, abrir-se para o diferente. Isto significa que, se a relação de alteridade estabelecida nessa experiência não serviu para ajudar o outro, pelo menos abriu os olhos do estudante para a diversidade e para o diferente, enriquecendo sua vivência de cidadão.

Escolhi para divulgação, seis trabalhos de observação. Os trabalhos escolhidos são de alunos primeiranistas dos cursos de Filosofia - Bacharelado (matutino), de Licenciatura em Filosofia (noturno) e de Licenciatura em História (noturno). Alguns deles retratam situações de grupos marginalizados, como os "moradores de rua", os "sem teto", mas também temos situações mostrando a pluralidade religiosa, com experiências na Igreja Universal do Reino

de Deus, ou situações envolvendo a religião católica, como a caminhada de jovens católicos na madrugada da Ressurreição, ou mesmo uma sessão espírita. Ainda entre estes “outros”, temos uma observação feita com “excepcionais”. O ponto comum dessas observações é que o confronto com o “outro”, a experiência do contato pessoal com uma situação diferente propiciou, além de espantos, uma auto-reflexão sobre o papel de cada um enquanto cidadão, provocando mudanças de atitudes, tanto em relação aos “outros”, como frente a eles mesmos. A docência possibilita momentos gratificantes ao professor, ao constatar o crescimento de seus alunos não só em termos intelectuais, mas principalmente, como seres humanos, transformando dessa forma o nosso trabalho em algo prazeroso. O aprendizado da vivência proporciona uma troca de mão dupla: professor/aluno, em que ambos saem enriquecidos.

A realização dos trabalhos aconteceu no primeiro semestre de 1998, e a Semana Santa foi um dos momentos mais oportunos para a realização dessa tarefa, tendo em vista que os alunos que fazem esses cursos são, em geral, trabalhadores e têm pouco tempo livre para realizarem trabalho de campo. Daí decorre que algumas dessas situações aconteceram nesse período e compreendem rituais característicos dessa semana específica.

A PUC-Campinas é uma Universidade que atende uma clientela não só de Campinas, mas também da região. Muitos de seus alunos viajam diariamente. Por essa razão, muitas observações aconteceram nas cidades onde esses alunos moram, como Indaiatuba, Santa Barbara D'Oeste, Itupeva, etc.

Os trabalhos escolhidos para publicação são apresentados da forma como os alunos os redigiram. Não foram feitas alterações no conteúdo, apenas revisão quanto ao Português, respeitando os estilos. Por isso os textos deixam transparecer frases que denotam preconceito. Não foram omitidas essas frases justamente com o objetivo de fazer com que o leitor dimensione a dificuldade que existe em olhar e descrever a realidade de uma forma antropológica. O

critério para a escolha dos trabalhos recaiu na importância significativa da observação e da forma como foram redigidos.

O primeiro relato é da acadêmica Josefa Neide Menezes, do 1º ano de Filosofia-matutino, intitulado "Confraternização dos moradores de rua na noite de Páscoa", realizado no Centro de Acolhimento da Caritas Paroquial de Indaiatuba. A observação chama a atenção para o fato de como diferentes segmentos da sociedade vêem uma mesma situação social, e como a própria observadora teve reações diferentes frente a esses moradores de rua, conforme o contexto do contato social. O segundo relato é do acadêmico Vânio Flávio Dias Ferreira, do 1º de Filosofia - noturno, intitulado "Uma ocupação do movimento sem-teto", feita no Parque Oziel, em Campinas, num contato com a realidade de pessoas que, por não terem um teto onde morar, são obrigadas a invadir terrenos para construir uma moradia. Para o observador, que fazia uma representação da ocupação como um local triste, tal fato revelou a relatividade dos sentimentos e das formas de expressão dos mesmos, ao constatar o espírito alegre e festivo que dominava o acampamento na manhã de um domingo. A terceira observação foi realizada por Celso de Oliveira Gil, do 1º de Filosofia - noturno, "Uma caminhada na madrugada da Ressurreição", feita com um grupo de jovens, ao realizarem uma caminhada na madrugada do dia de Páscoa. Trata-se de um rito religioso, informal, inovador, realizado por jovens com o objetivo de levar a mensagem da Ressurreição à comunidade, pregando, cantando, representando. O jovem relata esta experiência como observador-participante que se viu envolvido pelo clima de espiritualidade, pelo sentimento de comunhão entre todos os participantes e pelas influências que as horas do dia, com suas variações de luz e temperatura têm sobre o espírito das pessoas, fazendo-os partícipes de uma comunhão natureza-homem-Deus. A observação seguinte, intitulada "Uma visita à APAE de Santa Bárbara D'Oeste", foi realizada pela acadêmica Cibele Bravo, do 1º de História-noturno. A observadora relata a experiência da alteridade com crianças excepcionais em que teve oportunidade de tomar

consciência do que é ser “normal”, frente às situações vivenciadas pelos “diferentes” para a consecução de tarefas que fazemos de forma automatizada e que para elas implicavam grandes progressos, como escovar os dentes ou amarrar os tênis. Daí a autora da observação enfatizar que elas não são diferentes, mas especiais, pois conseguem se alegrar com conquistas realizadas, como “conseguir comer com colher”. A quinta observação intitulada “Culto Evangélico: Corrente dos 70 apóstolos”, foi feita por um seminarista católico, do 1º de Filosofia-matutino, Kleber Luiz Cardoso, na Igreja Universal do Reino de Deus e, como tal, fica visível o comprometimento frente a uma situação que deveria se caracterizar de neutralidade. Se essa postura não foi alcançada, pelo menos a preocupação antropológica de procurar compreender o outro foi atingida. O sexto relato “Uma Sessão Espírita”, descrito por Ivone de Genova Silva, do 1º de História-noturno, é fruto da observação feita no Centro Espírita Luz e Amor, em Itupeva, que realiza cirurgias espirituais. O contato com uma forma alternativa de “cura” provocou medo, espanto, mas foi capaz, também, de possibilitar a descoberta de valores, de um mundo que era completamente desconhecido.

Apresentamos, a seguir, os trabalhos de observação, que não cobrem todos os aspectos da situação escolhida, mas abordam fragmentos da mesma e que chamaram a atenção dos alunos, possibilitando a vivência da alteridade e o enriquecimento pessoal e humano.

RELATOS

1. Confraternização dos moradores de rua na noite de Páscoa

A proposta de fazer um trabalho de observação etnográfica me fascinou. Entretanto, não imaginei que o mais difícil e demorado fosse escolher a situação que seria objeto da observação.

Senti-me tentada a procurar ambientes alegres e festivos, grupos exóticos, situações que não fizessem parte do meu cotidiano mas que em algum momento já tivessem despertado minha curiosidade. Muitas e variadas foram as opções que se manifestaram; faltava, no entanto, um atrativo maior que me fizesse decidir por uma delas.

A poucos dias do domingo de Páscoa, uma amiga telefonou-me e perguntou-me se poderia colaborar com a campanha que a Pastoral dos Sofredores de Rua estava fazendo. Um grupo de agentes dessa pastoral, que diariamente, à noite, serve sopa aos moradores de rua em uma praça na cidade de Indaiatuba, pretendia celebrar a Páscoa com essas pessoas servindo a refeição na noite de domingo, no local onde estava sendo construída a casa que irá acolhê-las no futuro.

A excepcionalidade do acontecimento estava em que seria um cardápio diferente do cotidiano, e nos chocolates que seriam distribuídos.

A colaboração que me pedia consistia apenas em decorar com motivos alegres o amplo refeitório inacabado, que serviria aos propósitos da pastoral. Aceitei o convite.

Mais tarde, pus-me a refletir acerca dos moradores de rua. Vários são os trabalhos que me aproximaram da Igreja Católica: catequese de crianças e adolescentes, grupos de jovens que se preparam para a recepção dos sacramentos, liturgia e outros. Nunca, porém, me aproximara, fisicamente, da clientela da Pastoral dos Sofredores de Rua. Limitei-me, tão somente, a colaborar com algumas campanhas de roupas e alimentos. Alguma coisa impedia um contato maior, mas nunca havia me perguntado o que era. Percebi, nesse momento, qual poderia ser a razão: os moradores de rua eram os "diferentes", desprovidos de beleza (do modo como a compreendemos), carentes de alegria, estranhos, dispensáveis e indesejáveis. Formavam, portanto, o grupo ideal para a minha observação.

Liguei para minha amiga e disse que não só ajudaria na arrumação, como também gostaria de estar presente ao evento. Perguntei se a minha presença poderia causar estranheza e ela disse que não, pois participariam da confraternização vários agentes da pastoral com seus familiares.

No dia 12 de abril, domingo de Páscoa, às 18h,30, saí de casa com destino ao Centro de Acolhimento, que está sendo construído próximo ao centro da cidade. Levava comigo dezenas de folhas de papel crepom colorido e cinco dúzias de bexigas. A confraternização estava prevista para às 20 horas. Teríamos, portanto, pouco mais de uma hora para arrumar o local.

A um quarteirão das obras, vislumbrei dois carros estacionados no terreno frontal, um deles era da amiga que me convidara, Elizete. Ao me aproximar, constatei, agradavelmente surpresa, que o prédio era bastante grande e já estava entrando na fase de acabamento.

Elizete recebeu-me com um sorriso acolhedor e levou-me a conhecer o interior da casa. Mostrou-me a área de serviço onde serão colocados tanques para lavagem de roupas; os banheiros; quatro salas que servirão para recepção e escritório, atendimento médico, assistência social e despensa; a cozinha onde serão preparadas as refeições; o grande refeitório, ainda vazio, que permitirá acolher até sessenta pessoas para as refeições ou para a realização de palestras. Disse também que uma ampla varanda deverá circundar a casa. Falou-me ainda, rapidamente, das diversas atividades e programas que pretendem desenvolver com os moradores de rua - alguns em parceria com outros organismos sociais da cidade - que visam à promoção humana e não somente o assistencialismo.

Elizete falava com indisfarçável emoção. O carinho que demonstrava pelo trabalho, do qual era coordenadora, despertou minha simpatia.

- Imagine Neide, que maravilha não será quando puderem comer sentados à mesa.

Liguei para minha amiga e disse que não só ajudaria na arrumação, como também gostaria de estar presente ao evento. Perguntei se a minha presença poderia causar estranheza e ela disse que não, pois participariam da confraternização vários agentes da pastoral com seus familiares.

No dia 12 de abril, domingo de Páscoa, às 18h,30, saí de casa com destino ao Centro de Acolhimento, que está sendo construído próximo ao centro da cidade. Levava comigo dezenas de folhas de papel crepom colorido e cinco dúzias de bexigas. A confraternização estava prevista para às 20 horas. Teríamos, portanto, pouco mais de uma hora para arrumar o local.

A um quarteirão das obras, vislumbrei dois carros estacionados no terreno frontal, um deles era da amiga que me convidara, Elizete. Ao me aproximar, constatei, agradavelmente surpresa, que o prédio era bastante grande e já estava entrando na fase de acabamento.

Elizete recebeu-me com um sorriso acolhedor e levou-me a conhecer o interior da casa. Mostrou-me a área de serviço onde serão colocados tanques para lavagem de roupas; os banheiros; quatro salas que servirão para recepção e escritório, atendimento médico, assistência social e despensa; a cozinha onde serão preparadas as refeições; o grande refeitório, ainda vazio, que permitirá acolher até sessenta pessoas para as refeições ou para a realização de palestras. Disse também que uma ampla varanda deverá circundar a casa. Falou-me ainda, rapidamente, das diversas atividades e programas que pretendem desenvolver com os moradores de rua - alguns em parceria com outros organismos sociais da cidade - que visam à promoção humana e não somente o assistencialismo.

Elizete falava com indisfarçável emoção. O carinho que demonstrava pelo trabalho, do qual era coordenadora, despertou minha simpatia.

- Imagine Neide, que maravilha não será quando puderem comer sentados à mesa.

Entendi o que ela queria dizer, pois já sabia que, até então, os moradores de rua recebem da Pastoral uma refeição, à noite, na praça defronte à sede da Guarda Municipal, a quatro quarteirões do local onde estávamos. A cada dia, um casal diferente prepara a sopa e outro faz a entrega. O horário é sempre às 20h. Quem passa próximo ao local, momentos antes, pode observar estranhos grupos de homens maltrapilhos, trôpegos e silenciosos que convergem para a praça. Sentam-se na calçada enquanto esperam ansiosos, e alinham-se ordenadamente para receber a sopa, quando começa a ser servida. Em dias de chuva a entrega é problemática: o único abrigo é o toldo sobre a porta de entrada do prédio da Guarda Municipal. Poucos vêm nesses dias. Com recursos tão precários para a realização desse trabalho, não era de se admirar que Elizete ficasse feliz somente por imaginar a sopa sendo servida no Centro de Acolhimento.

Voltamos ao refeitório onde já estavam duas mulheres, ocupadas na remoção de sobras de material de construção que obstruíam o local. O marido de Elizete testava a iluminação improvisada dentro e fora da casa. Em poucos minutos enchemos as bexigas e recortamos os papéis em longas fitas, que foram distribuídas pelas paredes. No fundo da sala, com auxílio de cavaletes e tábuas usadas na construção, montamos uma grande mesa que recebeu uma bela toalha de flores pintadas nas laterais. Momentos depois, chegava um casal trazendo um bolo grande, confeitado com chocolate, dando mostras de estar delicioso. O bolo tomou lugar no centro da mesa e, à volta dele, foram distribuídos ovos de chocolate caseiros.

Passavam poucos minutos das 19h00 quando começaram a chegar outros casais, que fazem parte dos grupos que preparam a sopa, arrecadam alimentos, fazem a entrega e outros trabalhos. Um deles trazia um grande caldeirão com salsichas cozidas em molho, outro trazia pães e os demais, refrigerantes. Nesse momento, fiquei sabendo que o jantar especial consistia em cachorro quente com refrigerante e bolo de chocolate como sobremesa.

Estava tudo pronto. Não havia cadeiras no local, mas os petiscos, a decoração e os demais arranjos estavam concluídos. O rapaz que trouxera os pães lembrou, convenientemente, que alguém deveria ficar na praça para alertar aqueles que porventura não se lembrassem que naquela noite o local da refeição seria o Centro de Acolhimento.

Por volta das 19h30 começaram a chegar os primeiros moradores de rua. Cruzando o terreno baldio ao lado da construção, vinham três homens. Um deles aparentava cerca de sessenta anos, vinha sorrindo timidamente, vestia roupas surradas, chinelos “havaianas” nos pés e boné com propaganda política. Abraçava com cuidado exagerado uma sacola velha e suja que deveria conter todos os seus pertences. Os casais pareciam conhecê-lo muito bem, e o cumprimentavam chamando de “Vô”. Não parecia estar embriagado. Ao passar por mim disse “boa noite” e parou próximo à entrada. Poucos passos atrás estavam outros dois. Embora parecessem bem mais jovens, não conseguia arriscar um palpite de idade para ambos. Traziam o rosto marcado por rugas profundas, pele queimada de sol, barba por fazer, cabelo desgrenhado, roupas sujas e gastas. Não sorriam como o primeiro mas cumprimentavam com voz mansa os presentes, ou respondiam aos cumprimentos.

Como já me fora assegurado, minha presença parecia não chamar a atenção de ninguém.

Percebi um grupo maior, seis ou sete pessoas, que se aproximava. Eram todos homens, não conversavam muito entre si. Vários traziam bolsas desgastadas pelo uso ou sacolas plásticas. O aspecto miserável era comum a todos. Um deles vinha rodeado por cinco cães vira-latas, que obedientemente acompanhavam o ritmo das passadas do dono.

O movimento foi ficando mais intenso, à medida que nos aproximávamos das 20h. O sol já se tinha posto, mas o bom trabalho de iluminação externa me permitia ver os moradores de rua que chegavam de várias direções.

De repente, ao olhar para a minha esquerda, levei um choque. A menos de dois metros de mim estava um homem que me assustara duas semanas atrás. Os olhos vermelhos, a barba negra abundante, o cabelo encarapinhado e os dentes encardidos não deixavam margem para dúvidas. Fora ele a causa de um pequeno tumulto no local onde trabalho. O incidente ocorreu quando o guarda saiu de seu posto por alguns minutos, momento em que esse homem, embriagado, entrou no prédio do INSS, onde trabalho. A sala de espera estava cheia e as funcionárias se desdobravam para agilizar o atendimento. O indivíduo, completamente embriagado e falando alto, sentou-se diante de um dos guichês e pediu dinheiro. Houve apelos para que se retirasse mas ele, irredutível, não mostrava a mínima intenção de se levantar. As pessoas presentes ficaram nervosas e assustadas. O segurança da repartição também não conseguia convencê-lo a ir embora. Somente com a chegada da polícia o homem foi retirado e as coisas puderam voltar à normalidade.

Agora eu me via diante daquela figura que me parecera tão ameaçadora em outro momento, mas que era tratado como um ser inofensivo e carente pelos agentes da pastoral. Um certo temor me invadiu. Achei que poderia ser tomada por ele como uma inimiga, alguém que contribuía para sua expulsão de um setor público. Entretanto, seus olhos passaram por mim como se eu não existisse, demonstrando que não me reconhecera ou como se isso não importasse. Como os demais, instalou-se em um canto do salão e ficou à espera.

Notei que se aproximava um casal, de mãos dadas. Ele parecia muito jovem, cerca de vinte anos, magro, pele clara, cabelos longos e maltratados, roupas sujas como os demais. Ela aparentava mais de trinta anos, cor negra, descalça, bermuda e camiseta de cor indefinida (talvez um dia tivessem sido brancas), uma fita de cetim vermelha prendia parte dos cabelos crespos que há muito pareciam não ser lavados e penteados. No rosto uma cicatriz começava perto do olho esquerdo e descia até o lábio superior. Ambos caminhavam sem muita firmeza, e a mulher aparentava estar bastante embriagada.

Não era possível observar atentamente a todos os que chegavam, mas pude notar que já estavam no local vinte e cinco ou trinta moradores de rua.

Uma mulher chamada Carmem, que com o marido trouxera os pães, começou a caminhar entre eles dizendo que em menos de quinze minutos seria servida a refeição.

O ambiente era descontraído. As pessoas conversavam aos grupos. Continuei observando cada um deles. Os homens e as mulheres da pastoral sabiam o nome da maioria dos moradores de rua, e conversavam gentilmente com eles. Algumas crianças corriam pelo local sem dirigir maior atenção aos mendigos. Não tinham medo nem os tratavam com menosprezo, como muitas outras crianças. Estavam acostumadas a acompanhar os pais na entrega da sopa e até ajudavam nesse trabalho. Elizete, mostrando-se sempre muito ocupada, não parava um minuto indo de um lado a outro, atendendo um e outro.

- A senhora sabia que morreram dois colegas essa semana?

A pergunta era dirigida a mim. Um homem negro, magro e baixo estava ao meu lado. Parecia manter-se de pé com dificuldade, amparando-se em um cabo de vassoura que usava como bengala. Falava pausadamente e exalava um forte cheiro de álcool. Tentei agir com naturalidade e respondi que não sabia mas que só nos restava rezar por suas almas. Ele soltou uma gargalhada e disse:

- Os mortos não precisam de oração. Somos nós, os vivos, que precisamos.

Fiquei um pouco confusa com a resposta. Não sabia se continuava a insistir nas orações pelas almas ou se concordava com ele. Entendi que o que quer que dissesse seria irrelevante. Meu interlocutor continuou a falar de modo espontâneo, olhando para o chão, conversando mais consigo mesmo do que comigo. Disse que na juventude estivera no seminário e estudara Teologia. Tal antece-

dente fazia dele um especialista no assunto, por isso afirmava que rezar pelos mortos é inútil. Concluí dizendo que eu ainda era jovem, mas que um dia entenderia o que queria dizer. Ainda cabisbaixo, balançava a cabeça em sinal de anuência ao que ele próprio dissera, e assim ficou numa atitude silenciosa e solitária, absorto em seus próprios pensamentos.

Eu já ouvira falar desse homem. Seu nome era Sebastião e realmente aparentava ter um bom nível escolar. Não se sabia de onde era sua família mas era certo que não moravam em Indaiatuba. Elizete conhecia a história de muitos deles. Alguns eram itinerantes, não se fixavam por muito tempo em nenhum lugar, iam e vinham conforme os ditames de uma opção de vida incompreensível para a maioria das pessoas. A grande maioria, porém, tinha parentes na cidade. Alguns, sabia-se, eram rejeitados pela família porque não conseguiam se curar do alcoolismo. Outros, simplesmente cansaram-se de trabalhar, de viver de acordo com as regras, de carregar nos ombros a responsabilidade de uma família, de enfrentar as atribulações da vida, de correr com o tempo ou contra ele. Que insondáveis razões poderia ter um ser humano, perguntei-me, para fazê-lo abandonar seus entes queridos, renunciar a um teto sobre sua cabeça, abdicar da certeza do alimento à mesa para mendigar comida de porta em porta, desprezar a higiene e a saúde do corpo, entregar-se completamente à bebida e às drogas, resignar-se a possuir apenas as roupas imundas e surradas que carrega sobre o corpo, dormir com os cães e sob o lixo para aquecer-se nas noites geladas, morrer na solidão sem ninguém para lamentar sobre seu túmulo?

Percebi que quatro ou cinco pessoas da pastoral, entre elas Elizete, conversavam com ar preocupado e olhavam insistentemente para o outro lado da rua. Notei, então, um grupo de mais ou menos dez pessoas que olhavam e apontavam para o Centro de Acolhimento. Ouvi quando Elizete dizia serem moradores da vizinhança, que não concordavam com aquele trabalho em favor dos moradores de rua. Não podíamos entender o que diziam, mas

percebíamos, entre eles, um homem alto, exageradamente obeso, que falava mais que os outros e agitava na mão uma folha de papel.

De repente, incitado pelos demais, o homem gordo atravessou a rua em direção ao Centro de Acolhimento. Elizete e os demais que acompanhavam o desenrolar dos acontecimentos, foram ao encontro dele. O homem, de aspecto severo e imponente, perguntou quem era o responsável. Elizete apresentou-se como coordenadora. Levantando o papel como se empunhasse uma arma letal, o homem disse firmemente:

- Vê isso? É o abaixo assinado que nós, moradores desse bairro, encaminhamos ao prefeito quando soubemos que pretendiam construir isso aí. Somos contra, sim, porque temos família e não queremos expor nossos filhos a situações degradantes. Essa gente, que vocês apoiam, são vagabundos, imundos, alcoólatras, drogados, roubam, fazem arruaça, defecam nas calçadas, enfim, ameaçam a liberdade e a segurança de todos nós, que nos esforçamos para construir e manter nossos lares.

Ele falava com grande determinação, como se já tivesse decorado e proclamado aquele discurso várias vezes. Ele era, sem dúvida, um líder entre os moradores descontentes. Elizete limitava-se a ouvir e concordar com um discreto movimento de cabeça.

*- Nós queremos apenas que a senhora saiba que, de hoje em diante, ficaremos atentos ao que vai acontecer aqui. Se ocorrer qualquer confusão, ou se os moradores forem vítimas de situações constrangedoras, é à **senhora** que vamos processar.*

Elizete demonstrava tranquilidade e disse apenas que todos os colaboradores estariam trabalhando para que não houvesse incidentes. Esperavam, inclusive, que os moradores da vizinhança também ajudassem nesse sentido.

Recado dado, o homem disse boa noite secamente e voltou para junto do seu grupo. Em pouco tempo dispersaram-se e os agentes da pastoral respiraram aliviados.

O relógio marcava 20h00, quando alguns casais caminharam entre os presentes pedindo que se aproximassem da mesa, para participar de um momento de oração. Um jovem fora convidado para dar boas vindas e fazer uma leitura Bíblica. Foi formado um grande círculo e um silêncio respeitoso caiu sobre o local.

Nesse momento, foi possível verificar quantos moradores de rua estavam ali. Havia vinte e oito homens e apenas uma mulher.

- E que hora nós vamos comer, gente?

Quem perguntava era um rapaz que aparentava pouco mais de vinte anos. Seus modos eram afeminados, vestia camiseta comprida e bermuda justa, calçava sandálias de couro muito gastas e trazia as unhas dos pés e das mãos pintadas de esmalte vermelho. A boca entreaberta deixava à mostra uma dentição com falhas e infestada de cáries.

- Fica quieta, Gabriela. Depois da reza a gente come.

Quem advertia era o "teólogo". Não houve mais perguntas e o jovem convidado leu o texto do Evangelho de João, capítulo 6, versículos 1 a 15, fez um breve comentário e concluiu o momento de oração pedindo que todos se dessem as mãos para rezar o Pai Nosso.

Nesse momento, o "Vô" disse que gostaria de fazer um pedido:

- Eu queria pedir a Deus que desse muita saúde, paz e felicidade prá todas essas pessoas, amigas da gente, que trazem comida prá nós. Eu nem tenho coragem de pedir nada prá gente que vive na rua, porque a gente não merece. Mas eu sei que Deus vai atender meu pedido porque essas pessoas são muito boas, e merecem toda a alegria do mundo.

Notei que ele falava tomado pela emoção e que não conseguia conter as lágrimas. Senti um aperto no coração. Como era possível, pensei, considerar-se indigno da compaixão de Deus, mas lembrar-se de pedir por aqueles que pareciam ter tido melhor sorte

que eles? Quanto mais eu via e ouvia, menos compreendia aquelas pessoas.

Concluída a oração, começaram a ser distribuídos os sanduíches e refrigerantes. Alguns comiam com voracidade e, pela primeira vez, pude observar sinais de satisfação naqueles rostos desfigurados pela dor e pela indiferença. Conversavam com mais facilidade, agradeciam quando eram servidos e sorriam. Saciada a fome, pediam lanches e colocavam na sacola plástica que traziam. Diziam que era para levar aos colegas que não puderam vir, ou para comer no dia seguinte. Em poucos minutos já estavam satisfeitos e ansiosos por retirar-se. O bolo foi cortado e servido. Cada um recebeu também um ovo de chocolate. Seguravam o presente como se fosse uma frágil preciosidade, que carecia de extremo cuidado para não se danificar. Sem alarde, iam se retirando. Começava naquele momento a busca por um abrigo, um canto qualquer para passar a noite. Alguns faziam questão de agradecer e apertar a mão de todas as pessoas presentes, antes de ir embora.

Às 21h00 já não havia nenhum deles na casa. Os chocolates que sobraram foram distribuídos entre as crianças, em poucos minutos limpamos o local.

Os casais também começaram a se retirar. Todos pareciam bastante felizes, como se tivessem participado de uma grande festa. De onde brotava essa alegria? Por que o contato com a escória da sociedade trazia contentamento a essas pessoas, mas despertava irritação e desprezo de outras? Quem oferecia melhor educação aos seus filhos: esses pais que traziam suas crianças para comer com os moradores de rua ou aqueles que procuravam afastá-los, como o grupo liderado pelo homem que mostrara o abaixo-assinado?

Fui uma das últimas pessoas a deixar o local. Passei pela praça da Igreja Matriz, onde, habitualmente, ficam alguns mendigos. Notei vários cães que rodeavam um homem numa cadeira de rodas, enquanto alguém ao seu lado retirava sanduíches de uma sacola plástica e lhe oferecia.

Voltei para casa pensativa, agradecida por ter um carro para me transportar, uma casa para onde voltar, uma família para me receber e um futuro em que pensar.

A realidade complexa com a qual deparei ao observar uma atividade dos moradores de rua, levou-me a refletir um pouco mais sobre o meu papel diante dessa situação. É muito difícil encarar um problema cuja causa não conseguimos precisar, por isso preferimos nos distanciar dele e mergulhar na tranqüila indiferença.

Mas as coisas não se resolvem simplesmente por ficarem esquecidas. Os fantasmas que permeiam nossos atos omissos surgem quando menos esperamos. O que fazemos então? Fugimos ou enfrentamos?

Na semana seguinte, quando estacionava na praça da matriz, alguém se debruçou na janela do meu carro, antes que fechasse o vidro, e perguntou:

- *A senhora tem um trocado prá eu comprar um lanche?*

Isso já acontecera antes. Esse tipo de investida sempre me causara receio, por isso procurava ter à mão algumas moedas para dar e livrar-me rapidamente do pedinte indesejado. Dessa vez minha atitude foi diferente. Reconheci de pronto o "teólogo", disse que não tinha dinheiro, conversei brevemente com ele, perguntei como estava e lembrei-lhe que logo mais a sopa estaria sendo servida na praça. Não senti medo. Compreendi que a experiência da semana anterior provocara uma transformação em mim. Entrei na Igreja e rezei agradecendo a Deus por isso.

2. Uma Ocupação do Movimento Sem-Teto

Passei uma manhã de domingo, dia 26 de abril, na ocupação dos Sem-Teto Parque Oziel, região oeste de Campinas, sob o pretexto de visitar um ex-vizinho que, não podendo mais pagar

aluguel, se juntou ao movimento. Escolhi este local para fazer a observação, cumprindo o trabalho acadêmico proposto, pelo fato de já haver percebido a singularidade dos moradores dali que, através do movimento organizado, buscam uma identidade e inserção social. Fazem parte dos que hoje costumamos chamar de excluídos e são vítimas de muitos preconceitos da sociedade.

A primeira impressão é de uma paisagem sem cores, sombria. As casas de “madeirite”, barracos como chamam, quase se camuflam com a atmosfera cinzenta e empoeirada. As ruas do lugar são praticamente intransitáveis para um automóvel, com grandes crateras devido à erosão provocada pelas últimas chuvas. A maioria das pessoas traz no rosto a marca do sofrimento e da fadiga. Revelam no olhar sua condição de pobres, muitos miseráveis. São peles queimadas de sol, precocemente envelhecidas. Sorriem alegremente, sem receio de mostrar que lhes faltam dentes na boca e as cáries dos que lhes restam. Há muitas crianças pelas ruas, sujas, com o tamanho da barriga desproporcional a sua magreza. Isto não parece causar nenhum constrangimento aos seus pais. São improvisados muitos pontos de comércio que vendem de frango a botijão de gás, proporcionando uma certa autonomia ao bairro.

Uma coisa me chamou a atenção: foi a paradoxal alegria daquele povo. Apesar desse cenário, pairava uma certa alegria no ar. O clima parecia mesmo de festa. Os bares improvisados estavam cheios. O consumo era basicamente de cachaça. O aparelho de som não faltava, a música era fundamental. Tocavam-se muitas músicas melancólicas, sentimentais, “pop-sertaneja” e ao mesmo estilo “pop-pagode”. Aliás, não encontrei meu amigo no seu “barraco”, estava no vizinho, justamente se confraternizando. Fui convidado a tomar uma caipirinha: é preciso que se beba no mesmo copo, como se significasse que estamos integrados.

Nada havia ali que inspirasse festa ou alegria sob o aspecto visível que se apresentava, que é de grande pobreza. Que motivos, afinal, havia para comemorar? Perguntei ao meu amigo se

aquele domingo era especial, ele me respondeu que ali todo domingo era especial. Percebi que fosse, talvez, a expressão de uma tentativa de libertação da escravidão do trabalho ou da indignidade que a falta dele causa. Então, quebra da monotonia diária, trazendo consigo mudança de atividade e de atitude, ou, pelo menos, vislumbrando uma perspectiva para isso.

A alegria daquele povo me chamou mesmo a atenção. A alegria do povo simples que se manifesta nas festividades do cotidiano, em meio a tantos problemas. Uma alegria que não abre mão, porque ajuda a dar sentido à própria existência. É capaz de seduzir quem está alheio, que veio de fora. Não é mera alienação ou conformismo, mas um esforço coletivo de achar a graça da vida, a sua maneira de ser feliz. E, citando o poeta, "tragar a dor, engolir a labuta" (música: "Cálice", de Chico Buarque de Holanda). As festas ou festejos ou confraternizações, não se encerram como um objetivo em si, mas é uma expressão necessária, prima por opor ao cotidiano.

Pensando um pouco nesse aspecto, arrisquei uma analogia com o bairro onde moro. Também é um bairro operário de periferia, perto da região que chamamos dos DICs (Distrito Industrial de Campinas). Aqui nem todos têm telefone e a frota de automóvel nas garagens é velha. Às 6:20 da manhã, quando saio para ir ao trabalho, já há um grande movimento nas ruas. Observo as pessoas apressadíssimas, prontas para embarcarem em um ônibus, que se nota visivelmente com excesso de passageiros; ou disputando um lugar nas "peruas" de transporte alternativo. A maioria enfrentará uma jornada de mais de oito horas de trabalho, durante cinco dias da semana. Jovens, muitos jovens. Alguns carregam cadernos ou mochilas, revelando que, após o dia de trabalho, ainda irão à escola. Essa rotina, de longe, parece um ritual, ninguém reclama, ninguém se entrega e muito poucos admitem o cansaço.

Os finais de semana são como uma redenção do esforço. São vários os momentos e motivos para festejar: batizados, churrascos de confraternização, vitória de um time de futebol, etc. É muito

pouco considerado o protocolo do convite para participar. Na verdade, a boa acolhida é quase obrigatória. Também comum os mutirões, que sempre acabam em churrasco, como quem une o útil ao agradável, mais do que gesto de solidariedade simplesmente. É importante que haja fartura. Todos devem estar satisfeitos. O consumo de cerveja não é proporcional à renda, tendo, muitas vezes para garantir esse prazer, de abrir mão de outras necessidades. Outro recurso utilizado é o consórcio, popularmente chamado de “vaquinha”.

Essa comparação é justamente para ressaltar os festejos presentes na vida do povo. Há uma certa semelhança nas relações das pessoas do bairro em que moro e as do Parque Oziel, onde fiz a observação.

Quase meio dia. Àquele altura já observava algumas pessoas em estado de embriaguez, homens e mulheres. Mas é domingo de manhã, tudo está perdoado. A segunda-feira está próxima e recomeça a rotina da dura lida. A conversa banal não revela preocupação alguma. Já foram várias caipirinhas e cervejas. Contam-se piadas, fala-se de futebol, riem-se uns dos outros.

Aproxima-se uma senhora gorda, com sotaque nordestino, voz firme, anunciando uma reunião às 17 horas, que não causou grande interesse nos que ali se encontravam. Foi recebida com uma anedota, correspondeu à brincadeira, ficou um pouco conosco, depois saiu para convidar os demais. A reunião seria na sede da associação, um “barracão”, literalmente, a poucos metros dali, onde tremulava uma bandeira vermelha com inscrição amarela, a bandeira dos Sem-Teto.

“Vida de gado, povo marcado e povo feliz” ..., lembrei-me da música de Zé Geraldo. Claro que a felicidade ali não existe de fato, para quem a traduza em conforto, bem-estar e acesso a direitos básicos do cidadão. É como se fosse uma felicidade por conveniência, engolir a dor da labuta. Para muitos, aquilo chega a ser uma conquista, já que vieram de situações piores. É um “cantinho definitivo”, não pensam mais em deixar o lugar.

Parecem alheios à importância do movimento de que fazem parte. Não têm idéia do fato sócio-político que criaram. É uma das maiores ocupações da América Latina, mas só querem mesmo um teto. São comuns comentários a respeito, a maioria contra, muitos os consideram um bando de desocupados invasores, ignorando que ali estão as verdadeiras vítimas. Estão ali, salvo poucas exceções, porque realmente é a última alternativa. De vítimas passam a culpados, e citando Benedito Ferraro, meu ex-professor, "quando se culpabiliza a vítima, legitima-se o sistema".

3. Uma Caminhada na Madrugada da Ressurreição

Sou um católico, como tantos outros, que apenas digo ser porque meus pais o são. Depois de muitas insistências de alguns amigos, fui convidado para participar, na véspera da Páscoa - o dia dos chocolates, na minha concepção, mas nunca da ressurreição - de uma caminhada pelo bairro do Matão, que teria início às 23h00 e seu término na manhã do dia Pascal, às 7h00.

O bairro não era lá grande coisa. As moradias indicavam, basicamente uma divisão de classes que gostaria de definir como sendo classe baixa e super-baixa. Este bairro é cortado pela Avenida Emílio Bosco, que tem início a 800m da Anhangüera e termina na via que leva à cidade de Paulínia. Quem sai da Anhangüera e chega à avenida verá o começo dela, com moradias que indicam que seus moradores estão mais ou menos bem de vida. Entretanto, ao chegar na saída para Paulínia, vê-se a diferença. Também verá que, quanto mais próximo da avenida, a situação é melhor.

Enquanto me dirigia para o local de partida desta tal caminhada obtive informações de como ela começou. Esta caminhada iniciou-se com um grupo de oito jovens, no ano de 1986, quando, ao invés de ficarem em vigília de joelhos ou sentados na Igreja, estes oito jovens pegaram um megafone e rodaram o bairro inteiro cantan-

do, dançando e visitando as comunidades locais, que são no total treze, espalhadas por todo o bairro.

Apesar de no começo contar com poucos integrantes, no ano seguinte o número passou para noventa jovens e, atualmente, já reuniram mais de cento e cinqüenta.

Quando chegamos ao local, que era o balão do bairro - e o "point" da moçada do Matão - já percebi a alegria dos jovens antes do início da caminhada que equivale a mais ou menos dez quilômetros com curvas, subidas, descidas, asfalto e terra.

Faltando dez minutos para iniciar a caminhada, um jovem subiu no bagageiro de uma camioneta e começou a explicar o percurso. Em seguida, começou a cantar umas músicas que eu não conhecia, pois fazia muito tempo que não freqüentava a igreja e pensei que o cantos continuavam a ser os mesmos de uns seis anos atrás.

O que ficou muito claro era o objetivo destes participantes que não era apenas a caminhada, mas enfocar, no decorrer do percurso, a educação que era o tema da Campanha da Fraternidade deste ano de noventa e oito. E como todos os da esquerda, estes jovens da liderança não deixavam de o ser, incitando-os a questionar as atitudes políticas do Brasil de hoje, que mal investe na educação.

Por este motivo, fui notando que o objetivo era político e não de uma busca de fazer o Cristo vivo ressuscitar em seus corações.

Mas, para o meu espanto, isto foi apenas no começo antes de iniciarem a caminhada, pois durante o percurso, o que se via eram todos os jovens cantando e dançando, falando da ressurreição, de Maria, etc.

Percebi os diferentes tipos de jovens: uns, que simplesmente andavam e, timidamente, no início, buscavam com muita dificuldade imitar os gestos de mãos, acompanhar as batidas de palmas; outros, porém, eram o "centro das atenções", nada acontecia

sem que eles iniciassem e, ao buscar descobrir o porquê, fiquei sabendo que havia uma certa hierarquia entre os jovens. O primeiro grupo era o que ficava próximo ao carro de som, eles animavam a massa toda, levando-os a cantar, dançar e louvar ao Senhor; o segundo era o dos coordenadores dos grupos que, algumas vezes, faziam com que seu grupo produzisse algo diferente da maioria - gritando o nome da comunidade, do grupo de jovens ou ainda dando uma de torcedores da fiel ou do São Paulo Futebol Clube, etc.; o terceiro "escalão" era o dos participantes dos grupos que seguiam as "ordens" dos coordenadores. Havia o quarto grupo; deste faziam parte todos os jovens que, passando a madrugada na rua, bebendo e se divertindo, resolveram fazer parte desta massa. De um certo ponto para frente foi difícil saber a quantidade de jovens que estavam presentes.

Uma coisa interessante entre este quarto grupo - isto ocorreu com alguns que entraram na caminhada - era não serem eles convidados como ocorre nas igrejas evangélicas ou outras do gênero. Simplesmente eles gostavam do que viam - comentário à parte, eu não sei se era por causa das moças ou rapazes que eles ou elas viam ou se se sentiam "tocados" pelas músicas que, diga-se de passagem, tinham um ritmo envolvente e, quem sabe, até hipnótico - e pensavam que estes jovens estariam indo para algum lugar. Quem sabe?

Nesta caminhada, eles passavam por todas as comunidades e, em cada uma havia uma apresentação de um teatro. Não eram lá grande coisa, mas mostravam que eles queriam fazer de tudo para dar mais vida à caminhada. Em uma delas, vi que eles abordavam a educação e mostraram o drama de um menor que trabalha pesado e não tem como estudar. E uma das moças que estava encenando, caracterizada com as roupas de uma "menor", fez um comentário muito interessante. Não tinha na hora nada para escrever e, mesmo assim, eu não queria que ninguém percebesse que eu estava observando e, por isso, a mensagem mais importante que mais ou menos guardei com minhas palavras foi esta:

“É interessante criticar o governo que nada faz pela exploração do trabalho infantil, mas você, - disse apontando aleatoriamente, para os que participavam - você e você, não vê que também tem braços e pernas para agir? “, levando, desta maneira todos a pensarem se estavam ou não trabalhando para mudar este quadro. Percebeu-se que, após o vazio de conteúdo, logo após o início até a segunda comunidade visitada, voltou-se ao tema da educação só que desta vez com o olhar não mais voltado para os governantes e sim para os participantes.

Quando já começavam a se cansar, os jovens recebiam uma força de ânimo dos organizadores e lutavam um pouco mais, até o fim, procurando vencer o cansaço e brigando contra a preguiça dos que estavam ficando para trás. Quando já era quase impossível animar os jovens, pois até os coordenadores já estavam desanimando, tiveram a idéia de cantar um canto que conseguiu mexer com os quase “sonâmbulos”:

“Cristo quer fazer em mim uma obra nova. E o meu coração quer modificar...”

Parecia engraçado, mas ele conseguiu abastecer de um pouco mais de ânimo os pesados corpos dos jovens que já estavam quase desistindo.

“Vamos, juventude de Deus, precisamos permitir que esta obra nova aconteça em nós ...”

Então, os coordenadores continuaram com toda a força que tinham e o barulho começou novamente com toda a potência. E, enquanto observava um jovem que estava próximo de mim, eu me lembrava dele no início da caminhada. Estava silencioso e nada fazia; entretanto, agora- não sei se era para despertar ou o quê - começou a dançar e tentar aprender o novo canto que foi entoado pela primeira vez ali.

Aconteceram muitas outras coisas interessantes na caminhada, mas que não caberiam em uma única tarefa de observação.

Mas comento a beleza que a simbologia fez no amanhecer do dia, quando começamos a sentir o clarear e o frio da madrugada se perdendo, quando o sono já não estava mais nos olhos de cada um. Cada pessoa foi inundada pela alegria da ressurreição de Cristo anunciada pela pessoa que animava a caminhada. Os jovens voltaram com tudo para dar glória e aumentar ainda mais o poder de ter permitido que Cristo fizesse "uma obra nova" e ter o seu coração transformado. O calor do sol aumentava à sete e as blusas já não se faziam necessárias para cada um que havia estado nesta caminhada e dela participado de corpo e alma.

Adorei a experiência e pretendo repeti-la no ano de noventa e nove, quando acontece a nova caminhada da Ressurreição.

A transformação que uma aventura desta causa em cada um me fez refletir sobre a importância de se estar entre amigos e mostrou uma beleza que nunca havia visto com tanto sentimento, que são as coisas de nosso cotidiano, em que todo o dia o sol se levanta e se põe, mas o sentimento que sentia com a beleza do astro-rei que mostra o fim da morte e a vitória do amor foi incrível.

Se alguém quiser sentir o inexplicável sentimento que tive aguarde o sábado de aleluia do ano que vem e veja como o se faz o "milagre da ressurreição de Cristo" dentro de cada um.

4. Um visita à APAE de Santa Barbara D'Oeste

Numa sexta-feira de abril, pude presenciar um grandioso espetáculo, com atores reais, mostrando a verdadeira beleza da vida.

Minha amiga Juliana leciona na pré-escola da Apae e convidou-me para ir assistir a uma aula dela, e poder realmente compreender o verdadeiro dom de ser normal, no sentido literal da palavra.

Logo fiquei toda entusiasmada, ainda mais que tínhamos combinado ir juntas no ônibus da Apae. Estava no ponto com ela quando, finalmente, o ônibus apontou no topo de uma descida; não era mais um ônibus comum para mim, mas sim algo diferente, especial. Numa primeira visão do transporte já pude notar suas condições precárias, como na maioria das instituições públicas onde falta quase tudo e o que têm são, na maior parte, coisas quase inutilizadas. Enquanto o veículo vinha se tornando mais visível, disse à minha amiga que estava até com medo de andar em um ônibus naquelas condições. E perguntei qual era o motivo de a prefeitura não fornecer um veículo mais apropriado para essas crianças. Como já era de se esperar, ela me respondeu que eu não imaginava como foi difícil conseguir aquele precário ônibus, pois antes as crianças mais carentes sequer tinham condições de chegar até lá, e que, por pior que fosse, ainda era um transporte. Veio-me à mente o crítico estado em que se encontravam alguns alunos universitários a quem até mesmo o péssimo transporte fornecido pela prefeitura tinha sido cortado por falta de verba, e estavam vivendo um grande dilema pois não tinham como chegar à universidade. Difícil é saber onde estão sendo investidas estas verbas. Pelo que se pode constatar aqui em Santa Bárbara, e em muitas outras cidades, é que nas ruas quase não se pode andar de tantos buracos, transporte do município não há, educação está decaindo, saúde é bom nem comentar. A grande dúvida é: onde está a verba?

Finalmente o tão esperado ônibus chegou. Ao entrar me senti como uma intrusa, com aqueles olhinhos todos me olhando. Mas logo minha amiga me apresentou como uma ajudante e disse que eu passaria a tarde com alguns deles que estavam na classe dela. Após isso, parece que ocorreu um certo alívio por parte das crianças e confesso que meu também. Fui para o fundo do ônibus junto com minha amiga e as demais crianças. Mais uma vez pude constatar a falta de segurança daquele veículo, algumas das crianças mal conseguiam se segurar nas curvas por falta de coordenação motora e, em um circular totalmente ocupado, haviam sido escaladas apenas

duas monitoras para segurar e tomar conta de aproximadamente quarenta crianças. Para se ter uma idéia mais ampla da situação, basta levar em consideração como é difícil transportar, em um circular coletivo, uma pessoa "normal" sem deficiências de locomoção, quanto mais quarenta crianças com deficiências físicas, motoras e mentais. É bom ressaltar que em alguns países mais desenvolvidos existem ônibus adaptados para transportarem todos os tipos de pessoas e, principalmente, o deficiente físico. Logo a inibição das crianças acabou e pude até conversar um pouco com elas, e notar animação por estarem indo à escola. Algumas mostraram trabalhos realizados nas oficinas. No geral, as crianças aparentavam ser de famílias humildes, por seu modo de vestir com roupas e sapatos gastos.

Enfim, a batalha da ida tinha sido vencida e nós chegamos ao local de destino; havia uma grande movimentação na portaria. Enquanto as monitoras cuidavam de encaminhar as crianças para suas salas, eu e Juliana saímos em direção ao local onde se encontrava a pré-escola. Na entrada havia inúmeras crianças e adolescentes que chegavam de carro; alguns desses eram antigos mas a maioria novos. Vinham com toda a segurança necessária, bem diferente das crianças que eram trazidas pelo ônibus. Daquelas, até mesmo seus uniformes eram novos e, apesar de suas deficiências aparentavam ser bem cuidadas, bem alimentadas. Havia também algumas mães que se preocupavam em acompanhar seu filho até a sala. Outras simplesmente os largavam aos cuidados das monitoras, acho que por vergonha de terem uma criança deficiente.

Chegamos à sala pouco antes de as crianças serem trazidas. Quando entraram, se sentiram inibidas pela minha presença. Porém, como no ônibus, fui apresentada como ajudante. A sala era ampla, com iluminação precária, composta por doze crianças de sete a onze anos, aproximadamente. No início pensei que, por serem de idades diferentes, o trabalho se tornaria complicado, mas elas foram divididas por idade mental, e não cronológica. E, apesar das escalas de idades serem distanciadas, tinham o mesmo comporta-

mento de um aluno da pré-escola. Pude notar que havia crianças de todo tipo: brancas, negras, mestiças, ricas e pobres, com diferentes problemas físicos e mentais; havia algumas que não conseguiam sequer se sentar, outras que babavam, outras que, com muito esforço, falavam, faziam apenas gestos, mas de uma forma ou de outra todas se entendiam. O triste foi saber que algumas crianças que ali estavam nunca iam sair da pré-escola: devido a sua enorme deficiência não teriam condições de passar de série.

A aula começou com a **Roda da amizade**, onde os alunos que podiam falar iriam contar o que tinha acontecido em casa. Uma delas ficou tão animada quando disse à professora que tinha conseguido escovar os dentes sozinha. Pude notar uma grande satisfação da Juliana quando ouviu isso pois em parte foi o trabalho dela que possibilitou este fato. Ela elogiou muito a aluna, inclusive seus colegas bateram palmas. Fiquei perplexa mediante a situação ao ver que um simples ato de escovar os dentes foi tão louvável. Pude perceber ali que eu era a diferente, a “anormal”, por ver as coisas fantásticas da vida de uma forma tão simples. Quando a Juliana pediu para eu falar para as crianças um pouco de mim, fiquei sem reação: o que iria falar? Não podia simplesmente falar das minhas férias, como se falaria em uma classe de pré-escola normal onde os alunos falam de suas aventuras em parques, etc., pois a maior aventura daquelas crianças são: falar, andar, pegar uma colher. Resolvi, então, dizer que acordei bem cedo e fui trabalhar; elas aceitaram e Juliana achou legal eu ter comentado do meu trabalho com elas. Algumas pessoas insistem em dizer que essas crianças são iguais a qualquer outra. De certa forma sim, mas o que não deve acontecer é simplesmente a sociedade virar as costas, como tem acontecido, e não dar o mínimo recurso para que desenvolvam sua potencialidade de uma forma total e ampla pois, já que são todas iguais, não precisam de recursos apropriados. É assim que pensam. Na verdade essas crianças não são iguais e nem diferentes, mas especiais, que requerem cuidados especiais.

Após terem acabado os questionamentos, passou-se para as atividades individuais, onde cada aluno trabalha de acordo com

suas condições: algumas pintavam, outras apenas rabiscavam, e outras sequer conseguiam pegar em um lápis. O impressionante, porém, era ver a força de vontade daquelas crianças para simplesmente pegar um lápis, ato este que, para os "normais" é tão insignificante. Fiquei feliz e triste ao mesmo tempo em ver que eu fazia aquilo com tanta facilidade, e elas com uma enorme dificuldade. Quando, finalmente, uma delas conseguiu pegar no lápis, demonstrou uma expressão tão grande de felicidade como se tivesse conseguido ganhar um troféu. E esta felicidade aumentava cada vez mais quando a professora a elogiava. E desta forma se sentia capaz de fazer coisas "simples".

Após os trabalhos individuais, as crianças foram para o computador, onde era desenvolvido um programa especial para elas e o trabalho em grupo era muito importante pois lhes chamava a atenção e descobriam coisas juntas. Percebe-se a importância do trabalho em grupo onde o mais forte tem prazer em ajudar o mais fraco, ao contrário do que acontece no mundo dos "normais", onde um quer passar por cima dos outros.

Foi uma felicidade quando chegou a hora do lanche. Pensei que fosse semelhante aos que tive. Foi diferente: faziam um esforço enorme para simplesmente manusear um talher; a cada gesto, por menor que fosse, era elogiado e aplaudido pelos colegas e professores. Penso ser daí que tiravam tanto força para prosseguir. Terminado a lanche, foram para o parque onde cada um à sua maneira, se divertia. Fui até convidada para brincar com eles! O que me deixou surpresa foi como eles me aceitaram logo. Isso demonstra a necessidade que sentem de carinho e apoio de pessoas que eles não estão acostumados a ter dentro da escola.

Retornaram à classe ainda cheios de energia, onde foi realizado a AVD, atividade de vida diária, que é considerada pela Apae o principal conceito da instituição para a pré-escola. Nesta aula foi ensinado o conceito de "em cima", "embaixo"; quando a professora colocava um copo em cima da mesa e perguntava se estava em cima ou embaixo, os alunos respondiam; os que não podiam falar, faziam

gestos. Como estava próxima a hora de ir embora, ela aproveitou para reforçar o ensino sobre como amarrar as congas. Alguns até conseguiram mas, da maioria nós tivemos que amarrar. O engraçado é que eles não aceitavam que nós amarrássemos, antes de realmente perceberem que não conseguiam.

A tarde já vinha caindo e o ônibus estava a nossa espera. Ao contrário de quando viemos, as crianças voltaram quase que dormindo pela exaustão do dia. Eu e as monitoras segurávamos as crianças a cada curva do veículo para que elas não se machucassem.

Cheguei em casa e pude, então, refletir sobre tudo o que vi e o que fiz. E pude obter a seguinte conclusão: não há como presenciar tudo isso e não dar valor às coisas da vida, por mínimas que sejam. É um dom poder andar, amarrar os sapatos, escovar os dentes, pegar os talheres. É constatando o que isso significa para uma pessoa, que é quase impossível de ser realizado, que exige um imenso esforço físico e muita coragem de continuar sempre tentando, mesmo tendo um fracasso atrás do outros, posso dizer que são mais humanos do que os “normais”. Eu, apesar de diferente, fui facilmente aceita no grupo deles, coisa que na maior parte das vezes não somos capazes de fazer nem com alguém em igual condição. Na sociedade quase sempre são vistos como incapazes de realizar e é raro quem tome a iniciativa de incentivá-los a fazer algo. Porém, a força que possuem os ajuda a superar tudo isso. E ainda aqueles que têm problemas menores são capazes até de cursar uma escola normal, como a Juliana havia me dito: um de seus alunos conseguiu se desenvolver tanto que se não falar ninguém diz que freqüentava a Apae.

Esta foi uma grande experiência onde aprendi a dar valor às mínimas coisas da vida, a incentivar, a colaborar, a aceitar, e insisto em dizer que eles realmente são especiais.

Apesar de ter gostado muito da observação que fiz, também pude ver o descaso das entidades governamentais, que não

fornecem sequer transporte adequado, e muitos materiais que eles possuem são doações. Pude ver que, se ensinados corretamente, podem desenvolver um potencial muito grande, bastam recursos e um pouco mais de interesse por parte do governo em ajudá-los. Isso sem levar em consideração certas crianças do Brasil que não têm acesso a uma entidade como essa e que, em inúmeros casos, estão com seu potencial abafado sem ter como ser utilizado.

5. Culto Evangélico: Corrente dos 70 apóstolos

Sempre tive gosto por música; talvez seja este o motivo que me levou a cantar. Posso afirmar tranquilamente terem sido as músicas e a oportunidade de tocar instrumentos que contribuíram para despertar minha fé, minha religiosidade e, de maneira especial, minha vocação.

A fim de manter contato com as músicas, comprava fitas, discos ou "cds" onde encontrasse minhas preferidas. Mas o que acontecia, cedo ou tarde, era enfadar-me delas. Numa busca incessante por novidades musicais, conheci e tomei apreço pelas músicas de igrejas protestantes, que aliás utilizam muito bem os meios de comunicação, como o rádio, em que nos superam enquanto católicos.

Presentes num número significativo de cidades, não encontrei dificuldades para sintonizar em meu aparelho de som a rádio sob os cuidados da Igreja Universal do Reino de Deus. A exemplo das demais igrejas protestantes, tinha em sua programação, além de músicas, notícias e pregações. A mim, fiel católico, impressionavam tais pregações, sobretudo quanto ao conteúdo transmitido.

Desejoso de conhecer as causas pelas quais tantas pessoas chegam até a Igreja Universal do Reino de Deus, decidi participar de um de seus cultos, realizado numa terça-feira, aos quatorze dias de abril de mil e novecentos e noventa e oito.

Situado numa das principais avenidas do centro da cidade de Campinas, Dr. Campos Sales, pela qual passamos eu e meus irmãos seminaristas sempre que nos dirigimos para Universidade, foi neste templo que adentrei às 17:54 hs.

Sozinho, não por opção mas por impossibilidade de estarem presentes naquele momento meus companheiros, fui recepcionado por uma senhora com seus aparentes quarenta e poucos anos, de maneira diferente, mas interessante: ungiu-me a cabeça com azeite de oliva, dizendo que Deus iria fazer uma grande obra em minha vida.

Sem pressa, busquei tomar assento onde melhor pudesse observar, sem perturbar ou chamar a atenção: o centro-superior da arquibancada. Confesso que me acomodei confortavelmente na poltrona, almofadada; todavia, a impressão sentida era mais a de assistir a um espetáculo que a um culto religioso.

Um fundo musical muito agradável, já conhecido por mim, ia ouvindo enquanto observava o local em que me encontrava. Bastante ampla, a dependência era bem iluminada e arejada. À frente via-se um estrado e, sobre ele, uma espécie de lecionário, enfeitado com bonitas flores coloridas, e um moderno teclado mais à direita. Na parede, ao lado de uma cruz, podia ler a frase *Jesus Cristo é o Senhor*.

Espalhadas pelas poltronas, muitas pessoas também esperavam pelo início do culto, algumas lendo textos bíblicos ou livros, outras rezando ou conversando. Eram homens, mulheres, crianças, jovens, idosos, bem e mal vestidos, brancos, negros, loiros, japoneses, enfim, gente de todo tipo.

Pude confirmar, momentos antes que o tecladista se posicionasse, a tão elogiada maneira pela qual idosos e doentes eram acolhidos pelos chamados obreiros: homens e mulheres, uns mais jovens, outros nem tanto, que, entre outras funções, assistiam aos pastores durante o culto. Fácil identificá-los por se vestirem de modo uniforme e social; encontravam-se junto às paredes.

Presidido pelo Pastor Rodrigues, assessorado por mais cinco pastores, o culto começou quando o animado hino intitulado *Cristo tem poder* foi entoado e executado pelo competente tecladista, fazendo com que levantassem e acompanhassem com palmas os que ali se encontravam, inclusive eu.

O Pastor Rodrigues, após a conclusão do hino, estando sobre o estrado, chamou aqueles que já haviam sido curados por Jesus. Muitos foram até ele, cada qual testemunhando aos presentes a cura alcançada: AIDS, epilepsia, câncer, entre outras. Então, questionando-nos se queríamos ser curados e se acreditávamos naquele Jesus que havia curado os que deram seu testemunho, convidou-nos a orar clamando por nossas enfermidades ou pelas daqueles por quem se representava. Muitos aproveitaram para levantar fotos ou objetos seus ou de familiares ou amigos. Notei que, não apenas neste momento mas sempre que orávamos, os obreiros andavam de um canto para outro dos corredores a nos observar; sentia-me obrigado a participar, já que as pessoas a meu redor, embora simples, oravam com impressionante fervor.

A certa altura da oração, percebi que todos os obreiros se posicionaram em frente ao estrado onde, dois a dois, um a frente do outro, formaram um corredor de três e meio metros de largura. Uma vez formado o corredor, o Pastor Rodrigues chamou-nos a passar por ele, de onde emanaria, pelas orações dos obreiros, a cura desejada; a nós cabia unicamente ter fé.

Todos deixaram seus lugares prontos a passar pelo corredor. Teve início, então, uma grande gritaria, tanto por parte dos pastores e obreiros quanto das próprias pessoas. "*Sai!*" "*Queima!*". Muitos punham as mãos na cabeça e, ao gritarem, retiravam-nas. Confesso ter-me espantado com tal cena, mesmo assim não hesitei em segui-los. Os pastores oravam de uma maneira que considerei assustadora: afirmavam ser o diabo o culpado por todas as enfermidades, excluindo da pessoa ou da natureza qualquer responsabilidade; sem contar o fundo musical, de caráter exorcista.

Finalizada a oração de cura por outra animada música, após questionar se queríamos ter Deus em nossas vidas, o Pastor Rodrigues, sempre auxiliado por outros pastores, pediu aos obreiros que distribuíssem uma cruz feita de cartolina a fim de que a dêssemos àquele que julgássemos necessitar de cura, que deveríamos devolvê-la na terça-feira seguinte, tendo nela escrito seu nome e a cura a ser alcançada. Tive a impressão de que este gesto tinha por objetivo atrair particularmente outras pessoas para este culto.

Depois foi a vez dos envelopes, também distribuídos, a fim de que depositássemos nele a décima parte do dinheiro que tivéssemos conosco. Proclamando uma citação bíblica que, segundo ele, justificava seu proceder, o Pastor Rodrigues convencia os presentes que, pagando o dízimo, receberíamos aquilo que de Deus precisássemos. Muitos eram os que depositavam; algumas faziam questão de levar seu envelope até os pastores, a maioria esperava pelos obreiros que os recolhiam. Em seguida, se ajoelharam os pastores em oração, oferecendo a Deus o dízimo recolhido, esperando receber em troca as graças desejadas; sempre lembrando a citação bíblica. As pessoas se uniram a eles em oração, após o convite do pastor. Findou-se o momento com palmas dedicadas a Jesus.

Tomando outra passagem da Sagrada Escritura, o Pastor Rodrigues relembrava a atitude de Moisés questionando a liberdade cedida pelo faraó egípcio, condicionada a lhe deixarem seu rebanho - aquilo que tinham. Atualizando a palavra de Deus, o pastor comparou o faraó ao diabo e seus servidores, os políticos- sobretudo aqueles que estipulavam o valor do salário mínimo.

- *“Com R\$ 130,00. dizia ele, sequer conseguimos pagar nossas contas; que dirá comprar uma casa própria ou um carro!”*

Criticou a cesta básica, ao afirmar que não supre nossas necessidades básicas.

- *“Devemos ser como Moisés, exigindo tudo aquilo de que necessitamos; não podemos nos contentar. Sabemos que a salvação é mais importante, mas também queremos a prosperidade, a saúde;*

a vida em abundância prometida por Jesus!". As pessoas concordavam e, por isso, aplaudiam.

O Pastor Rodrigues informou, a seguir, sobre a distribuição do óleo de Israel às 8:00 hs do próximo domingo, estando os pastores em jejum. Com isso, queria preparar-nos para a Fogueira Santa de Israel, quando todos os bispos da Igreja Universal do Reino de Deus, a exemplo de Moisés, subiram ao Monte Horeb a clamar por aqueles que decidissem firmar uma aliança com Deus.

- *"No monte Horeb, Deus ouviu a oração de Moisés pela libertação de seu povo, lembrando-se de sua aliança com Abraão. Se ouviu Moisés, então tem que ouvir a gente também!"*.

O pastor convocou-nos a firmar uma aliança com Deus, ao contrário de muitos que a firmavam com o diabo. Para isso, deveríamos escrever nosso nome num pedaço de papel, distribuído pelos obreiros e pastores e recolhido pouco antes do encerramento do culto. A aliança seria selada no domingo próximo, quando receberíamos o óleo de Israel.

O momento foi concluído com uma oração de consagração em que o povo repetia as palavras do pastor:

- *Graças a Deus!*

Eis que pudemos apreciar novamente o talentoso tecladista, nos levando a cantar ao Espírito Santo. Seguindo os pastores, todos balançávamos nossos braços de um lado para outro.

- *Agora chegou o momento de darmos nossa oferta para a obra de Deus. Amém!?!*

O Pastor Rodrigues percebeu e comentou a diferença quanto à animação ao responder "amém" quando desejávamos ser abençoados e quando devíamos dar nossa oferta. Ele afirmou que muitos deixam o dinheiro em casa por medo de que o pastor o peça. Após nos questionar se alguém já havia sido obrigado a dar sua oferta e ter escutado a resposta desejada, estipulou um valor de R\$ 100,00

(lembrei-me de sua crítica ao salário mínimo), que precisou reduzir a R\$ 50,00, a R\$ 10,00 e, por fim, a R\$ 5,00, ao passo que nos interrogava se faria falta. Contei pelo menos setenta pessoas atendendo ao apelo do pastor, enquanto duas também animadas músicas eram entoadas e executadas pelo tecladista, sempre acompanhadas por palmas e uma bonita coreografia. Ao final, os pastores oraram por aqueles que fizeram sua oferta e, depois, por aqueles que não fizeram.

Ademais, fomos também convidados a participar, no próximo sábado à noite, do culto em que meditariam a segunda das sete virtudes de um vencedor: a fortaleza; sempre justificando-se pela Bíblia. Oramos, então, para que todos estivessemos presentes nesse culto, comprometendo-nos com Deus.

Recebemos dos obreiros, em seguida, um envelope branco no qual deveríamos, segundo o Pastor Rodrigues, depositar nossa oferta que traríamos na terça-feira próxima.

Preparávamo-nos para o encerramento do culto. Cantamos duas músicas: uma pela qual pedíamos uns aos outros para sorrir e, outra pela qual entregávamos nosso futuro nas mãos de Deus. Muitos foram os que se manifestaram quando o pastor perguntou quem havia sido abençoado. Foi quando levantamos todos nossas mãos para a oração final, concluída pela do Pai Nosso. Batíamos palmas e, a seguir, íamos nos dirigindo, educadamente e sem tumulto, para a saída da dependência, enquanto ouvíamos um prazeroso fundo musical, não mais procedente do tecladista. Percebi que alguns permaneceram ali, assim como quando cheguei, lendo textos bíblicos ou livros, rezando ou conversando, eram 19:36 hs.

Muitas das diferenças que me provocaram um autoquestionamento fazem parte desta descrição. Contudo, uma que realmente me inquietou foi a soberba pela qual se dirigiam a Deus, como que a exigir d'Ele aquilo de que precisavam. Acredito que, diante de Deus, devemos reconhecer nossa condição de pecadores e, antes de "suplicar" suas graças, buscar viver seu plano de amor desapegados de bens materiais.

A experiência da observação foi marcante em minha caminhada, tanto como ser humano quanto como filho de Deus. Por meio dela pude colocar em prática minha postura ecumênica, respeitando a crença daqueles que estiveram comigo, e certificando-me de que realmente faço parte da Igreja que corresponde ao modo pelo qual conheço a Deus e com Ele me relaciono.

6. Uma Sessão Espírita

Quando esta observação foi primeiramente sugerida, levantei várias possibilidades de situações sociais das quais jamais havia participado, tais como ir a uma delegacia e lá permanecer durante algumas horas, ou fazer uma visita a alguma família menos privilegiada e que morasse em situações de penúria, como numa favela, etc. Entretanto, tais situações não ofereciam o aspecto ritualizado desejado. O tempo foi passando e uma certa angústia foi crescendo em mim, já que o dia marcado para a entrega se aproximava e eu ainda não havia decidido "o quê" observar. Mas, como sempre dizia minha mãe, o acaso promove coincidências maravilhosas. E foi assim que, durante uma visita à casa de amigos na cidade, tomei conhecimento da existência deste Centro Espírita localizado bem próximo do sítio onde resido, bem como dos dias em que há sessões.

O mais interessante é que o Centro se localiza numa estrada de terra pela qual invariavelmente transito para chegar em casa. Certamente passei por ele várias vezes em dias de sessão, mas nunca o havia notado; era como se para mim fosse só mais uma casa, mais uma chácara da área rural. Pensando nisso, concluí ser absolutamente verdadeira a afirmação de que na maioria das vezes generalizamos, sem perceber as sutis diferenças do meio que nos cerca.

Desta forma, dada a aproximação da data de entrega da observação, minha indecisão quanto ao local escolhido, a crescente angústia, e finalmente a "descoberta" do Centro, resolvi que seria o

local adequado. Eu já havia ouvido o relato da mãe de André - o amigo visitado - sobre os “feitos” dos médiuns do Centro, o que me causou um certo “comichão”. Fiquei imaginando os rituais, imaginando como seria “tomar um passe”, e até cheguei a me lembrar de uma experiência que tive aos oitos anos, quando uma prima incorporou o espírito de uma cigana e falava com voz diferente, mais grave, um tanto irônica... Naquela época, fiquei com muito medo! Mas não agora. A simples idéia de assistir a uma dessas sessões, devo admitir, me deixou bastante excitada. De alguma forma me senti como se fosse ainda aquela criança que sonhava com as viagens e passeios marcados, com acontecimentos fantásticos; me surpreendi com um sorriso nos lábios.

Procurei, ainda, saber se era necessário fazer algum tipo de inscrição, ou conversar com o responsável para que pudesse assistir à sessão, mas a mãe de André me disse apenas que “*o Centro é para todos. Se você quiser, pode ir sem medo. Você só precisa deixar seu nome na entrada quando chegar*”.

Enquanto me dirigia ao Centro, distante não mais de dois quilômetros do sítio, comecei a imaginar as pessoas que ali estariam. Por estar na área rural, logo imaginei que fosse freqüentado por pessoas bastante simples, assim como a mãe de André; pessoas sofridas, pessoas que dependem exclusivamente da produção da terra, do trabalho de suas mãos no plantio da uva- generalizado nesta região - ou ainda na lida das granjas. Imaginei motoristas de trator rezando, pedindo por um futuro melhor. Não que pessoas do meio rural signifiquem “menos”, mas a visão que tenho de meus próprios funcionários no sítio é de pessoas tão simples e tão dependentes de suas próprias mãos, pessoas que não conseguem imaginar uma vida independente do trabalho com a terra, pessoas que dependem de suas lavouras, de seus animais, de suas hortas, sem os quais não sobreviveriam. Foi o que pensei, o que imaginei a caminho. Entretanto, não foi o que encontrei.

Ao chegar ao Centro, qual foi minha surpresa ao ver carros e caminhonetes importados, automóveis nacionais bastante caros, e também, sem dúvida, diversos veículos⁸ mais simples, mais antigos, mais como eu havia imaginado. As placas eram de São Paulo, Indaiatuba, Campinas, Santos (a que mais me impressionou, pois, seria possível que alguém viesse de Santos até aqui só para uma sessão do Centro?), além de Jundiaí e, obviamente, Itupeva. O mais incrível é que apenas alguns veículos tinham placas de Itupeva, município onde se encontra o Centro.

A casa é bastante simples, de alvenaria, pintada de bege por fora e branco por dentro. Assim que entrei, pude observar um pequeno hall cujas paredes ostentam prateleiras com livros à venda, títulos sugestivos de uma literatura absolutamente espírita, tais como "Harpas Eternas", "Vida após a morte", "Psicologia da morte", "Espiritualidade do corpo", "Filosofia perene", entre outros. Em seguida, uma ante-sala, onde fica uma mesa com, digamos, a "repcionista". Loura, usando óculos, vestida de maneira simples, mas que sugeria "algo mais", com um sorriso muito simpático, ela me perguntou meu nome e por que estava ali. Respondi, um tanto sem jeito, que gostaria de assistir à sessão, perguntando se era possível. "*Claro*", ela me disse. Disse meu nome e perguntei-lhe se queria meu endereço e RG. "*Imagina! Não precisa*". Me senti como uma tola e imediatamente pensei no cadastro que fazemos de todos os clientes e fornecedores da fábrica, onde todos os dados e detalhes são imprescindíveis. Disse a mim mesma "*aqui você não é um cliente, é um crente!*".

Próximo à mesa da recepcionista há uma pequena sala anexa, fechada por uma porta-balcão onde, ao que parece, ficam as pessoas da "administração". Entre uma e outra, uma porta que leva ao salão principal.

O salão estava iluminado em três partes; a da esquerda, onde se encontram vários bancos, do tipo que encontramos em igrejas, por uma meia-luz azul que conferia ao local uma atmosfera de extrema paz. As pessoas estavam sentadas, quietas, porém não

caladas. Algumas cochichavam poucas palavras para depois voltarem a calar-se. Resolvi andar ao longo do comprido salão, fingindo estar procurando um local para sentar-me, embora houvesse muitos locais disponíveis. Num segundo ambiente do salão, logo à frente dos bancos e separada por uma bancada, uma maca, uma mesa de instrumentos cirúrgicos, tudo forrado com tecido branco, com algumas pessoas vestidas de branco, com uma luminária de luz branca, porém fraca. O terceiro ambiente, olhando-se da entrada do salão localizado à direita, ao fundo, encontra-se dividido por um biombo e é bastante escuro. Ali se encontra uma mesa oval, coberta por uma toalha também branca, ao redor da qual algumas pessoas conversavam muito baixo, com ar de compenetração.

Após andar até o final do salão, resolvi dar meia-volta e procurar um lugar onde pudesse ter uma visão do todo, onde pudesse observar tanto o que acontecia no ambiente da maca, o que ocorria no ambiente em que se encontrava a mesa oval, quanto às reações das pessoas. Sentei-me no meio, na quarta fileira e fiquei aguardando os acontecimentos.

Às 19:45 hs um homem alto, grisalho, colocou-se à frente e disse: *“Hoje estamos começando um pouco mais tarde. Vamos então orar para que Deus nos ilumine ...”*. Começou a rezar um Pai-Nosso que foi seguido por todos, inclusive por mim. O ambiente era tenso; algo havia ocorrido ali que não pude identificar no momento. As pessoas na “sala da mesa” estavam todas rezando e assim permaneceram, de mãos dadas, com um arranjo simples, mas muito bonito, de flores do campo ao centro da mesa. Só o que pude reparar foram os lábios de algumas delas que se mexiam de maneira pausada, ritmada, literalmente orando. Permaneceram assim até o momento em que, mais tarde, me retirei.

Os trabalhos começaram e a mesma mulher da recepção apresentou-se com várias fichas à mão e começou a chamar as pessoas que ali estavam. Notei que a maioria daqueles que ali se encontravam não seria atendida, pois vários eram os acompanhantes.

tes. Uma senhora aparentando seus 60 anos, casualmente porém bem vestida- notava-se que era uma pessoa de classe média-alta, pelo discreto colar de pérolas que usava- dirigiu-se à maca. Parou diante do homem grisalho e, após este ter-lhe dado as mãos e, ao que parece, ter proferido uma oração, deitou-se. Os "enfermeiros" e auxiliares também oraram, sobrepondo suas mãos. A senhora foi coberta com um lençol branco e o homem grisalho, que então entendi ser o médium, começou a examinar seus olhos; pensei que sua expressão mudaria, tornar-se-ia fantástica, de alguma forma, maravilhosa. Mas ele continuou com uma expressão tranqüila, calma. Então imaginei que dos olhos daquela mulher saíam, literalmente, vísceras - o que vi não foi nada. Ele examinou, olhou de perto, inclinou-se sobre ela, e finalmente uma das assistentes passou-lhe um instrumento pontiagudo que ele imediatamente introduziu no olho direito daquela senhora. Nada de sangue, nada de gritos - os espectadores continuavam simplesmente a olhar e a orar.

Percebi que minha respiração estava alterada o suficiente para que as pessoas sentadas ao lado me olhassem sorratamente. Procurei me acalmar. O que se seguiu na maca foi simplesmente um curativo com a utilização de esparadrapos e gazes, que tantas vezes já vi serem feitos tanto em humanos quanto em animais. As pessoas à minha volta mantinham a calma, a tranqüilidade e pareciam todas ainda compenetradas, como se nada estivesse acontecendo além de pessoas orando. Nada de anormal. Nada extraordinário. Diferente, só o ambiente cirúrgico.

A senhora retirou-se. Pude notar um certo ar de contentamento em seu rosto, parcialmente coberto pelo curativo. Ela sorria levemente. O mais interessante é que pensei que, ao se retirar, ela iria agradecer muito, falar alguma coisa, enfim demonstrar sua gratidão de maneira entusiástica; mas ela apenas sorriu, fazendo pequenos acenos com a cabeça. Pensei, também, que ela não conseguiria andar - talvez o "transe" tivesse o mesmo efeito de uma anestesia, já que as pessoas aparentam não sentir dor. Ao invés disso, ela me

pareceu apenas um pouco zozna, mas totalmente cōnscia de si. Retirou-se andando normalmente.

Já mais tranqüila, mais relaxada, após esta primeira experiência, esperei até que a segunda pessoa fosse chamada. Era uma menina, Camila seu nome. Pequeninha, calculei não mais que quatro anos. Magrinha, um tanto pálida. Na iluminação local não pude distinguir a coloração de sua pele - mas parecia mais amarelada ... A suposta mãe a acompanhava e carinhosamente pegou-a em seus braços para colocá-la deitada sobre a maca- cujas cobertas, nessas alturas, já haviam sido trocadas pelos assistentes. A menina começou a chorar; talvez o ambiente a deixasse com medo ... Me imaginei em seu lugar.

O médium passou os dedos sobre os olhos da pequenina e esta logo parou de chorar, parecendo cair num estado letárgico; suas pernas e braços relaxaram. Assustei-me ao ver aquilo; senti que minhas orelhas ficavam "em pé" e um leve arrepio percorreu-me o corpo. Respirei fundo. Não sei se senti tudo aquilo por não ter filhos e pelo amor que sinto por crianças, animais e pessoas idosas. Mas fiquei muito preocupada com o que poderia acontecer com aquela menininha. Logo o médium apalpava seu abdômen e nele introduziu outro instrumento, desta vez muito pequeno. Levantei minha cabeça tentando ver o que acontecia naquela barriguinha. Correu uma gota de sangue - pelo menos foi o que me pareceu. Depois disso o médium colocou apenas um pequeno band-aid no orifício e ele e seus assistentes, acompanhados pela mãe da menina, ficaram um bom tempo orando, sobrepondo suas mãos sobre aquele corpinho. Mais uma vez passou seus dedos pelos olhos da pequenina. Ela pareceu balbuciar alguma palavra, ao que a mãe acorreu e a abraçou. A pequenina começou a chorar e logo a mãe a retirou do salão.

Para mim foi o suficiente. Estava tão emocionada que senti algumas lágrimas formarem-se em meus olhos. Resolvi que já era hora de ir ... Cuidadosamente, para não tirar a concentração das outras pessoas e, principalmente, para não ferir ninguém, levan-

tei-me e saí do salão. Na recepção havia uma outra moça, morena, que me olhou como se perguntasse "*Você já vai?*". Instintivamente voltei-me e disse-lhe que já ia embora pois tinha um compromisso e ela disse "*Tudo bem. Volte quando quiser*". E me explicou que o Centro mantinha um serviço de auxílio à comunidade, distribuindo cestas básicas e que se eu quisesse contribuir seria bem-vinda. Deixei-lhe meu nome, endereço e telefone, comprometendo-me a auxiliá-los.

Já no estacionamento, sentindo ainda um nó na garganta, vi a menininha Camila entrando no carro de sua mãe. Ali, na iluminação da noite, ela me pareceu bem mais amarela. Senti um forte impulso; não poderia ficar sem perguntar nada àquela mãe. Perguntei-lhe então se Camila estava melhorando, ao que ela me respondeu que sim, que estava bem melhor e que se Deus quisesse, ficaria boa. Durante a conversa fiquei sabendo que Camila tem um tumor hepático e que os médicos haviam dado um prognóstico nada encorajador. A mãe, desesperada, sem saber a quem mais recorrer, resolveu trazê-la ao Centro. Era sua sexta sessão e a menina mostrava visíveis sinais de melhora. A princípio, a mãe havia ficado preocupada, um pouco cética, com um certo medo, mas depois das primeiras sessões e dado a melhora de Camila, ela agora era o que chamou de "fervorosa". Depois da conversa nos despedimos. Só depois que foram embora, notei o carro: era aquele com a placa de Santos!

Ao entrar no carro, meus olhos estavam cheios de lágrimas; ouvir a história da pequena Camila, após presenciar o que havia acontecido lá dentro, me deixou não só extremamente sensibilizada, mas muito mais que isso, sentindo uma estranha alegria, uma estranha leveza, confundidas com uma pontinha de tristeza - é difícil explicar esse sentimento. Mas voltei para casa com a certeza de que há muitos lindos mistérios inexplicáveis neste Universo e que, certamente, nossa vida não acaba aqui. Temos todos alguma tarefa maravilhosa a realizar. Só nos resta descobri-la e colocar mãos à obra! Fiquei feliz por saber que pessoas ainda ajudam pessoas num

mundo que se torna cada vez mais hostil. E, lá no fundo, fiquei ainda mais feliz quando me lembrei de minha mãe...

Mais tarde, pensei no quão pouco sabemos a respeito do Espiritismo e em quantas vezes confundimos as coisas. Inicialmente eu tinha aquela tradicional idéia de que, num centro espírita, as pessoas ficam tomando “passes” e que os médiuns ficam falando palavras ininteligíveis, onde tudo é fantástico, e um tanto maluco. Conversando com uma amiga - que só então descobri que é espírita- fiquei sabendo dos diversos efeitos que podem acontecer: físicos ou inteligentes, como no caso das psicografias e psicofonias.

Mais interessante é que a curiosidade ficou aguçada e estou pensando em retornar ao Centro para comprar um daqueles livros. Aprender, nunca é demais. E, visto a minha total ignorância a respeito, acho que devo me inteirar um pouco do assunto.

Foi uma experiência bastante interessante, pois me colocou em contato com uma realidade que eu não conhecia. Algo tão bonito, feito tão próximo de minha casa, com pessoas tão abertas, apesar de sua seriedade, e num local freqüentado por todos, independente da camada social a que pertencem. Ali, realmente o que conta é o espírito, a essência de cada um.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOFF, Leonardo, **Ecologia, Mundialização, Espiritualidade**. São Paulo: Ática, 1996.
- DREIFUSS, René Armand, **A Época das Perplexidades: Mundialização, Globalização e Planetarização, novos desafios**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- FEATHERSTONE, Mike, **O Desmanche da Cultura: Globalização, Pós-Modernismo e Identidade**. São Paulo: SESC, Studio Nobel, 1997.

- GEERTZ, Clifford, **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- LAPLANTINE, François, **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- LATOUCHE, Serge, **A Ocidentalização do Mundo**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- ORTIZ, Renato, **Um Outro Território: Ensaio sobre a Mundialização**. São Paulo: Olho D'Água, s/d.
- SEVERINO, Antônio Joaquim, "Produção de conhecimento, ensino/aprendizagem e educação" In **Interface**, Comunicação, Saúde, Educação. Botucatu, UNESP, v.2, nº 3, 1998.
- VELHO, Gilberto, "Observando o familiar" In NUNES, Edson de Oliveira, **A Aventura Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.